

MEMÓRIAS VELADAS: APAGAMENTOS DA PRODUÇÃO E MEMÓRIA FEMININA NA HISTÓRIA DA ARTE

CAROLINE BRASIL ALBRECHT¹; ANA JÚLIA VILELA DO CARMO²; CAROLINE
LEAL BONILHA³

¹ Acadêmica do curso de Artes Visuais Bacharelado - UFPEL – linebrecht@gmail.com

² Acadêmica do curso de Artes Visuais Bacharelado - UFPEL – ana.jpalindromica@gmail.com

³ Docente do curso de Artes Visuais - UFPEL – bonilhacaroline@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa *Memórias Veladas: Apagamentos da Produção e Memória Feminina na História da Arte* surge da necessidade de discussão acerca da visibilidade das artistas mulheres no circuito artístico. Apesar da abertura para produção feminina verificada a partir dos anos 1970, ocasionada principalmente por conta de discussão de gênero, a memória de inúmeras artistas do século XIX e XX, continua mantida sob véu do esquecimento. Consequentemente, os trabalhos destas mulheres ainda estão menos presentes em museus, livros e em circuitos que possam tornar a produção feminina mais expressiva e melhor representada, indicando assim uma ideologia cultural excludente, baseada num raciocínio de um continuum genealógico pai-filho, como explicitado por SCHMIDT, “o que significa dizer que o sentimento de pertencimento ao corpo político e simbólico da nação se consolida e opera sob a lógica fundacional da Lei do pai” (p. 225, 2009).

Para exemplificar a questão serão colocadas em parâmetro as situações das artistas Abigail de Andrade, artista brasileira atuante no final do século XIX e Ana Mendieta, artista cubana atuante nos anos de 1970 e 80. Ambas as artistas ativas no período vivido, com trabalhos notáveis para a história da arte, reconhecidas em seu tempo, sofrem, entretanto, com um brusco apagamento na atualidade.

O estudo considera que a produção feminina, apesar da abertura para a discussão de gênero, continua refém do apagamento histórico por estar alocada num sistema que ainda privilegia em demasia o fazer masculino.

O objetivo desta pesquisa, portanto, é observar que apesar das diferenças de contextos vividos pelas duas artistas escolhidas e ainda que o debate de gênero tenha se intensificado desde os anos 70, as suas produções artísticas continuam reféns de um apagamento histórico sustentado por uma formação discursiva hegemonicamente masculina. Sendo assim, apesar da figura da mulher ter sido alvo de representações diversas na história da arte servindo ao imaginário de seus autores, a produção feminina foi posta à margem como criação secundária, não significativa a uma história mantida por uma lógica de tradição única (SCHMIDT, 2009).

2. METODOLOGIA

A partir de pesquisa bibliográfica, autoras como CHADWICK (1992), SIMIONI (2008) e VARGAS (2013) foram utilizadas para contextualização e análise da posição feminina na História, na sociedade e em específico, no campo das Artes. O estudo é composto pela investigação feita sobre as artistas latino-americanas Abigail de Andrade (1864-1890) e Ana Mendieta (1948-1985), conduzindo a percepção de suas vivências e suas produções artísticas a modo de como estas estão sendo representadas ou ocultadas atualmente. Para tanto são utilizadas autoras que tratam sobre as artistas como ANA PAULA SIMIONI (2008), pesquisadora sobre a obra de Abigail de Andrade, e JANE BLOCKER (1999), que concentra seus estudos no trabalho de Ana Mendieta. Desta forma a relação entre suas histórias e suas projeções na atualidade se tornam nítidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando, ainda, a produção científica incipiente nos temas gênero, história da arte e mulheres latino-americanas, compreende-se que contextualizar e analisar o trabalho das duas artistas terá contribuição direta para a história das mulheres e para a história da arte. Esta que está em reforma, já que, em sua maioria, ainda mantém uma estrutura de receptores homens e produtores homens – sendo que, mesmo a representação feminina vem de um imaginário masculino. Através da leitura das publicações feitas por SIMIONI e BLOCKER a relação entre Ana e Abigail torna-se mais clara.

Abigail atuou na década de 1880 no Rio de Janeiro, sendo a primeira mulher a ganhar medalha de ouro no Salão organizado pela Academia Imperial de Belas Artes. Seu trabalho marcado por um domínio técnico vigoroso e grande sensibilidade em relação a seus temas. Abigail se tornou uma artista ilustre no meio que frequentou. Ana Mendieta, por sua vez, artista cubana que viveu e atuou nos EUA, criou uma extensa obra em que utilizou do seu corpo como instrumento de arte para traduzir através da experiência da performance suas ideias de feminilidade, vida e morte. Por seu trabalho se inserirem diretamente na paisagem, tornava claro sua necessidade em relacionar a mulher a terra, partindo de uma visão mais primitiva onde já questiona a imagem convencional da mulher ocidental. Sua participação no coletivo feminista A.I.R. Gallery, evidencia sua preocupação com tais temas.

Contudo, as realizações das duas artistas, apesar do reconhecimento em vida, foram sendo omitidas com o tempo, pois no que diz respeito à valorização histórica e crítica da arte das mulheres, princípios que determinam seu lugar inferior na sociedade ainda aparecem atrelados de maneira inseparável da recepção de suas obras. Ou seja, a questão aqui tratada parte desta justaposição das histórias destas artistas, para deixar em evidência o sistema, que apesar do maior acesso das mulheres no campo das artes, ainda age através do apagamento de trabalhos femininos.

4. CONCLUSÕES

A partir desta pesquisa, pode-se entender melhor a situação histórica da inserção das artistas mulheres no circuito de arte e como é necessário esse assunto ser posto em circulação no meio acadêmico, que independente do novo circuito, em termos históricos ainda carrega uma sombra do que foi para a criação feminina encarar esse espaço construído e estruturado por um pensamento exclusivamente masculino. Portanto, considera-se aqui a possibilidade de uma história contada por aquelas que tiveram suas exposições postas fora de curso. Não se trata de diminuir o que conhecemos como arte até hoje, mas reconhecer aquilo que foi excluído e por isso não declarado ao público que lhe valeria de interesse.

Abigail de Andrade e Ana Mendieta são as peças chaves para a objetividade da pesquisa, contudo são diversos os exemplos e as situações em que a história da arte é homogênea e excludente. Para tanto, utilizamos autoras que se preocupam em preencher esta lacuna, em sobrepor a imagem da mulher como o objeto de imagem para a imagem da mulher humana, artista e pensadora.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras**. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

VARGAS, Rosane. **Excluídas da Memória: Mulheres no Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul**. Monografia. Curso de Bacharelado em História da Arte. Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

BLOCKER, Jane. **Where is Ana Mendieta? - Identity, Performativity, and Exile**. Durham, NC: Duke University Press Books, 1999.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Vol.1 Fatos e Mitos e Vol.2 A experiência vivida. 3º ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

CHADWICK, Whitney. **Mujer, Arte y Sociedad**. 2ª ed. Barcelona: Destino. 1992.

LOPONTE, Luciana Grupelli. **Docência Artística: Arte, Estética de Si e Subjetividades Femininas**. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2. jul./dez. 1995.

OLIVEIRA, Claudia de. **Cultura, história e gênero: A pintora Abigail de Andrade e a geração artística carioca de 1880**. 19&20, Rio de Janeiro, jul./set. 2011. Acessado em 24 jul. 2016. Online. Disponível em http://www.dezenovevinte.net/artistas/co_abigail.htm

SCHMIDT, Rita Terezinha. Literatura, tradição e memória: histórias à margem. In: MICHELON, Francisca Ferreira; SENNA, Nádia da Cruz; SILVA, Úrsula Rosa da. **Gênero, Arte e Memória - Ensaios Interdisciplinares**. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2009. Cap. 15, p.223-238.

ALZUGARAY, Paula Alzugaray. **Feminismo em campo expandido**. Revista Select, São Paulo, Fev. 2016. Acessado em 25 jul. 2016. Online. Disponível em <http://www.select.art.br/feminismo-em-campo-expandido/>